



SEMINÁRIO - O OUTRO  
Laboratório de Representação Sensível  
Michel Masson  
Prof. Alberto Cipiniuk

O Outro: Espaço Expositivo de Arte: o espaço como obra de arte

O outro, o outro espaço, aquele que não pertence, que está fora, que se diferencia dos espaços tradicionais de exibição de arte. O espaço que não apenas expõe arte, mas aquele que em si mesmo é arte. Os próprios espaços que se exibem.

A exibição é uma prática do cotidiano humano. Objetos elaborados ou naturais, disputam nosso olhar de inúmeras maneiras, infinitas vezes. A sociedade sempre exibiu sua produção, organizando espaços específicos para tal função. Mas apesar das possibilidades de exibição serem imensuráveis, estes espaços possuem uma essência comum.

Na feira, frutas e legumes ou quaisquer outros produtos são dispostos em bancas enclinadas, que privilegiam a observação e disputam a atenção e o olhar de quem passa. Sob as proclamas e pregões, o observador se movimenta num caminho retilíneo, que tem como organização espacial a serialidade, um sistema lógico que se repete até o fim da feira.

Da mesma forma, a igreja é também um espaço de exposição. Exibe em seu interior o cerimonial da missa, que em seu ápice ocorre o milagre da eucaristia, a epifania onde o verbo se transforma em carne e habita entre nós. Os fiéis entram num espaço fechado para um ritual em grupo, onde, como uma platéia, ficam diante à cerimônia destacada pela posição frontal do altar na nave central.

Os desfiles de moda, o mercado, a loja, o teatro, o cinema, o estádio, as feiras de gado, de automóveis, são espaços que possuem natureza semelhante; a exibição. São desenvolvidos para se olhar algo, onde a funcionalidade está diretamente associada ao desempenho da visão. Consideram na sua configuração espacial a exploração de planos visuais privilegiados, e oferecem a observação. São espaços que não diferem das

exposições de obras de arte nos museus e galerias. Tal como as bananas e os tomates na feira, telas e esculturas são dispostas ao olhar e valorizadas pela construção de um espaço expositivo. Todos esses espaços pertencem, portanto, a uma mesma categoria, unificada por um sentido comum: o de evidenciamento.

Mas se todos estes espaços similares possuem uma mesma função, de que maneira pode-se escapar à conclusão de que é o objeto quem os diferencia, e portanto, que o objeto exposto é quem vai determinar o espaço expositivo? Por vezes sim, por vezes não. No caso do museu, uma análise das evoluções da arte e dos espaços museográficos nos últimos tempos comprovam que em cada período e para cada tipo de formato, tem existido um espaço apropriado para sua exibição. Mas o outro não é só adequado, apropriado e funcional. O outro é um lugar de experiências criativas. O outro é a possibilidade, o outro espaço é a alternativa.

Espaço expositivo e obra de arte não são estanques e por isso se determinam mutuamente. Daí a importância de se considerar o espaço expositivo como agente direto na obra de arte e na percepção. A obra definitivamente não termina na última pincelada de uma pintura, no último traço de um desenho ou no último *render* de uma ilustração digital. Da obra fazem parte também as decisões sobre os suportes para compô-la. O *paspatour*, a moldura e tudo o que estiver ao seu redor são campos de complementação da própria obra.

Tais considerações foram finalmente absorvidas pelo artista num dado momento. A *Pop Art* buscou a aproximação entre a obra e o mundo real, se apropriando de uma linguagem de massa e negou o sentido de isolamento da obra, abolindo a moldura e o pedestal, que implicou numa nova relação espacial. Tal postura artística culminou posteriormente na inadequação do espaço tradicional de exposição. O espaço à parte não mais funcionava, e a exposição transgrediu os limites institucionais das galerias e museus, expandindo seus horizontes, buscando novos vocabulários. O outro é também a cidade.

Preocupações com a abordagem do espaço estiveram envolvidas com algumas das mais importantes rupturas no período artístico moderno. Artistas como Matisse, Brancusi, Mondrian, Lissitsky, Schwitters e Duchamp estabeleceram novos limites na manipulação do espaço plástico e novos parâmetros para a relação entre o observador e o objeto. Em

termos de impacto na prática dos museus, entretanto, maiores e decisivos progressos foram alcançados pela geração de artistas a partir dos anos sessenta. Os objetos tridimensionais minimalistas de Carl Andre, Don Judd e Robert Morris se utilizam dos espaços de exibição no trabalho. Obras que ora determinam, ora são determinadas pelo espaço. Na busca da arte contemporânea, novos suportes são explorados, novas linguagens são criadas e muitas delas através de propostas de exploração das relações espaciais. As obras, entendidas como intervenções, se apropriam de espaços antes comuns e os transformam através da geração de novos sentidos e da agregação de novos valores, como uma mutação. Instalações também surgem como fusões espaço-obra, pois só existem enquanto espaços. Forma e leitura são dadas pelo lugar; e a obra é determinada pelo espaço, por qualquer espaço. Que espaço é este? O outro espaço é aquele construído no confronto da peça exibida e o seu entorno.

São mudanças no espaço expositivo que corroboram a relação de idoneidade entre a arte e seus espaços de exibição, mas que vêm de um sentido único, irradiado pelo movimento artístico. É a arte quem modifica o espaço. O espaço de exibição criativo é aquele que não apenas considera a proposta artística, mas reformula essa prática operando num sentido oposto, ou por vezes conjunto, onde o espaço é ativo na obra de arte e de fato determinante nela. O outro é um espaço que modifica a obra e a sua relação com o observador. A mudança do espaço recai sobre o *design*.

A exibição se dá na relação entre objeto (a performance, a encenação...) e observador, inevitavelmente condicionada pela conformação espacial. Ocorre na relação das partes, no olhar, no vazio, "no entre". É na conformação do espaço que exhibe que se transforma o sentido do que é exibido, como na sintaxe, onde o espaço é um predicado da obra. É a partir da exploração dessa idéia, que novas relações são estabelecidas. É o espaço quem age.

É perceptível a existência dessas formas diferenciadas de adequação entre a obra, o espaço expositivo e o observador, configuradas através da exploração do espaço por novas concepções projetuais, que alteram a recepção partindo de intenções que extrapolam o campo técnico museográfico e atingem propriedades artísticas. Locais destinados à exibição de arte que transgridem as condições tradicionais de organização espacial, de modo à atingir novas dimensões para o espaço.

A proposta do arquiteto Daniel Liberskind para o *Jewish Museum* de Berlim ilustra essa concepção espacial diferenciada e inovadora. Utilizando-se de informações históricas, culturais e sociais judaicas, Liberskind imprime em seu projeto uma interpretação que materializa tais características através da distribuição espacial. A própria arquitetura, em seus espaços internos, suscitam o visitante sensações e reflexões relacionadas à realidade do povo judeu em sua trajetória histórica, ao mesmo tempo que soluciona tecnicamente um programa museográfico. A história tornou-se o vocabulário para o espaço edificado, que a reproduz, operando uma linguagem que privilegia a experiência e a sensibilidade do visitante.

Em Washington, o *War Memorial* da Guerra do Vietnã é um monumento que também segue uma linha conceitual de exploração do sentimento. O visitante desce uma pequena rampa que inicia um corredor único num espaço totalmente interno, caminhando entre os nomes dos soldados mortos inscritos em paredes negras, num caminho que, discretamente, não dá em lugar algum, como o próprio descaminho vivido pela nação. Uma posição contrita, humilde, sem glória, a posição de quem perdeu.

O outro é o que contém o a mais, e que por isso se diferencia. Não apenas através do formalismo, de uma arquitetura escultórica, preocupada com a perspectiva externa. Mais que isso; uma arquitetura de vazios, que utilize o espaço como veículo de sugestão de sentimentos. Um deslocamento do discurso para o campo da poética dos espaços se faz necessário.

As exposições tradicionalmente dispõem os objetos segundo temáticas organizadas por período artístico, cronologia, autor, enfim, estabelecem comunicações diretas e lógicas, relações comparativas entre as obras, e sugerem uma leitura baseada menos na interpretação do que na experiência. A relação final entre as obras e o observador acaba sendo determinada por um alto grau de passividade. Num modo análogo, a exposição de arte pode operar uma linguagem criativa, que considere o observador como co-autor, que interaja, que deixe a ele uma multiplicidade e abertura.

Exposições arquitetadas com uma intenção nesse sentido, operando narrativas em seus percursos, explorando o movimento do observador, como num trabalho de direção

cinematográfica, onde o lúdico não esteja só nas obras, mas no discurso de montagem. Na exposição criativa, o artista, o observador e o *designer* são todos co-autores de uma obra, de um todo.

Absorver as transformações de uma arte que não mais representa mais nada, mas se apresenta a si mesma, pode ser entendido como mudanças que redirecionam o olhar e modificam antigas relações. Novas perspectivas que se fazem necessárias. Outros espaços que nos são exigidos, onde o outro é um lugar de experiências criativas. No outro, é o espaço quem modifica a obra. O outro é esta possibilidade.

Espaços destinados à exibição de obras de arte que têm como objetivo exibir ao mesmo tempo que se exibem. A conjunção entre espaço arquitetônico – continente – e os objetos expostos – conteúdo, é o cerne da possibilidade de inovação nas exposições. O outro espaço expositivo é aquele que vem a questionar sua condição de neutralidade. O outro é o espaço que interage.

A exposição contemporânea não é apenas a que se realiza no tempo presente, mas aquela que contempla as características de seu tempo. Exposições não de objetos, mas do espírito e dos reflexos que nos cercam; onde obra e objeto se apropriam mutuamente, sem limites claros, sem uma, mas várias verdades, com múltiplas interpretações. Trabalhos que se invadem, manifestações distintas convivendo ao mesmo tempo, como numa grande colagem tridimensional.

Arte abrigando arte. Informações simultâneas e de naturezas distintas. Luzes, ruídos, projeções. Climats sobrepostos no mesmo sentido das obras, funcionando como ênfase, ou de forma ainda mais audaz, num contra-sentido. Possíveis mudanças, releituras, transfigurações das obras através de projetos, situados no campo interdisciplinar de arquitetura, *design* e arte. Novas relações estabelecidas e jamais pensadas por seus criadores. Objetos como fragmentos de uma composição. Uma nova obra, um novo tipo de obra.

O outro não é o espaço neutro, mas sim o que participa da obra, e como obra. O outro é o novo.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

HARVEY, David. *A condição Pós-Moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

WOLLF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1982.

SEROTA, Nicholas. *Experience or Interpretation: The Dilemma of Museums of Modern Art*. Londres, Thames & Hudson, 1996.

STANGOS, Nikos. *Conceitos de arte moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.